

O ESTADO DE S. PAULO

E

O seu progresso na actualidade

(Notas historicas, estatisticas e criticas
sobre a organização politico-administrativa e os principaes
factores da prosperidade, — material,
intellectual e moral, — da terra dos bandeirantes)

FOR

Basilio de Magalhães

da Academia Paulista de Letras, lente de Historia no Gymnasio de
Campinas, socio do Instituto Historico
de S. Paulo e do Centro de Sciencias, Letras e
Artes de Campinas

RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Comp. :

1913

O ESTADO DE S. PAULO

E

O seu progresso na actualidade

(Notas historicas, estatisticas e criticas
sobre a organização politico-administrativa e os principaes
factores da prosperidade, — material,
intellectual e moral, — da terra dos bandeirantes)

POR

Basilio de Magalhães

da Academia Paulista de Letras, lente de Historia no Gymnasio da
Campinas, socio do Instituto Historico
de S. Paulo e do Centro de Sciencias, Letras e
Artes de Campinas

Biblioteca de São João del-Rei

RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Comp.

—
1913

OBSERVAÇÃO INDISPENSÁVEL

Os artigos, constitutivos do presente opusculo, foram escriptos nesta capital em fins de fevereiro do corrente anno, mas só nos ultimos dias de abril vieram a lume no *Jornal do Commercio*, o veneravel decano da imprensa brasileira.

Ao enfeixal-os neste folheto, — com o exclusivo intuito de prestar mais um pequeno serviço á Patria bem amada, — acrescentei-lhes apenas algumas notas impescindiveis, relativas a factos de vulto, occorridos naquelle espaço de tempo, e respeitantes ao progresso, sempre ascendente e sempre digno de imitação, da gloriosa terra paulista.

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1913.

BASILIO DE MAGALHÃES.

I

Cícero, consummado politico e pensador egregio, disse que a Historia, além de luz da verdade e testemunho dos évos, é tambem a melhor preceptora da vida, *magistra vitae*.

Sel-o-á sem duvida, sempre que, exposta em toda a sua formosa e empolgante desnudez, soubermos aproveitar-lhe o incomparavel fulgor como phanal aos que marcham em demanda de mais risonho porvir.

A brilhante evolução do Estado de S. Paulo tem sido frequentemente posta de manifesto, quer aquem, quer além-Atlantico, por varios meios de publicidade.

Mas a apreciação, que até agora se ha feito, do rapido progresso daquella unidade politica nacional, não tem servido de ensinamento proveitoso ás outras circumscripções federadas, porque a preoc-

cupação exclusiva de encomial-a sobrepujou, quando de todo não empeceu, o exame positivo, consciencioso e calmo, de tão extraordinario adeantamento.

A semelhante analyse, — a unica que permite pôr em evidencia efficaz o sabio conceito do vencedor de Catilina, — é que nos abalaçamos hoje, não vacillando em apontar os defeitos que se nos depararem no organismo politico-social da terra dos bandeirantes, porquanto na mais resplendente trajetoria dos povos progressivos não raro se defrontam escuridões e tortuosidades.

Convém accentuar desde logo, — tanto mais agora, que os sebastianistas impenitentes, posto *viri nantes in gurgite vasto*, voltam ás suas chimericas velleidades de uma restauração irrealizavel,— que S. Paulo não teria jamais logrado a assombrosa prosperidade de que hoje tão legitimamente se ufaneia, si se houvesse conservado aqui o systema centralizador, e, por isso mesmo, retrogrado, da monarchia, felizmente e em boa hora substituido pelo da Republica Federativa, — o mais consentaneo com a dignidade humana, por não admittir a odiosa distincção entre soberano e subditos, e o unico idoneo á livre expansão de todas as forças vivas dos suborganismos da Patria, graças á completa autonomia que lhes concede e que é a essencia mesma daquella instituição adeantada.

Occorre-nos, a tal proposito, uma comparação, que dilucida melhor, chanmente embora, este nosso modo de pensar:

Figure-se um pae, já avelhantado, rabujento, conservador, somítico, egoista em summa, a dirigir vinte filhos, não saídos da maioridade e quasi todos uns dodivanas desabotinados. Cuidavam elles de muito trabalhar e muito enriquecer-se? Certo que não, porque não só lhes faltava o estímulo imprescindível á victoria na lucta pela vida, como ainda porque o pouco que amealhavam era tentaculizado pelos dispendios largos que impunha á casa paterna a frivola magnificencia de uma realza tradicional. Cuidavam de apparelhar os seus elementos de defesa, prevendo, como era obvio, possiveis máus encontros na vasta estrada do mundo? Tambem não, porque contavam com as costas quentes do genitor, de quem sempre esperavam todo soccorro.

— Tal era a attitude que entre si mantinham as provincias e o poder central do imperio brasileiro.

Destronada e banida a dynastia bragantina, organizado o regimen da federação, constituída, em fim, uma verdadeira Patria, sem escravos de qualquer especie, viu-se dentro de curto espaço de tempo o prodigioso influxo da transfiguração politica operada em 1889.

Tanto era a fôrma de governo que abafava as energias do nosso povo, que, ainda dentro da primeira decada posterior á revolução de 15 de novembro, o dr. Bernardino de Campos, então presidente de S. Paulo, pôde affirmar, com todo o seu justo desvanecimento de ardoroso propagandista do ideal democratico, que aquelle Estado, tão sómente em quatro annos de Republica, tivera maior receita orçamentaria do que em 67 annos de monarchia!

Nem se diga que essa subitanea opulencia pudera ter sido grangeada á sombra da instituição exotica implantada aqui em 1822, porquanto o ultimo acto da corôa, e precisamente o unico em que revelara altruistico desprendimento, fôra a lei de 13 de maio; — nobre aspiração nacional, é certo, porém que não deixou de ser, como realmente foi, rude assalto á fortuna privada, verdadeiro esbulho de uma anti-humana propriedade, que, desde tempos immemoriaes, vinha sendo assegurada pela legislação portuguesa, que a creara, e pela sua continuadora nesta esplendorosa porção do continente colombiano.

Si se tratava de uma providencia instantemente reclamada e imposta pelo bem geral, si se tratava de um *estado de necessidade*, como effectivamente era, — que se fizesse a abolição, mas de accôrdo

com o principio regulador de toda expropriação, isto é, indemnizando-se préviamente os senhores dos escravos.

Não procedendo assim, refugindo ás normas da mais elementar equidade, a monarchia subtrahiu do patrimonio particular cerca de *um milhão de contos de réis*, porque a *lei aurea* libertou a mais de setecentos mil individuos, afóra os que ainda não haviam attingido os prazos determinados pelas duas leis de 28 de setembro (de 1871 e 1885), isto é, os nascidos de “*ventre livre*” e os sexagenarios, todos os quaes até então sujeitos ao poder heril.

Das zonas que contavam nos braços servis a sua quasi que exclusiva riqueza, raras foram as que não se abysmaram em deploravel depauperamento.

O norte (do Pará até á Bahia) tivera a sagaz habilidade de dispôr opportunamente dos seus escravos, alienando-os ás abastadas regiões agricolas meridionaes. Estas, sobretudo as grandes provincias cafeeiras, foram, portanto, as que sentiram maior abalo economico, em consequencia da abolição.

Afortunadamente para o nosso paiz, aqui se não reproduziu a formidavel lucta fraticida, que, por motivos identicos, ensanguentara a Patria de Washington; mas, ao contrario do que se passara

alli, — visto não termos corrente immigratoria que de prompto substituisse os trabalhadores gratuitos alforriados, — — houve provincias que perderam de subito o que lhes custara longos annos de labor, como, por exemplo, a do Rio de Janeiro, onde, da noite para o dia, muitos argentarios se viram reduzidos quasi á indigencia, tendo caído no lastimoso abandono, em que até agora na maior parte se acham, muitas das outr'ora mais opulentas fazendas de café. Minas tambem soffreu sobremaneira com o violento e profundo golpe desferido no seu vultuoso patrimonio. E o Espirito-Santo teve a mesma sorte do seu vizinho occidental.

S. Paulo, todavia, forrou-se algum tanto a tão funestos sobresaltos, porque os seus filhos, sempre activos e previdentes, desde muito vinham introduzindo em suas lavouras colonos estrangeiros que lhes arroteavam intelligentemente os uberrimos latifundios, de tal modo que, quando se deu a abolição, as fazendas não ficaram de todo despovoadas, e os seus prejuizos, oriundos da perda da escravatura, embora consideraveis, foram em grande parte resarcidos, poucos annos depois, pelo fecundo trabalho do braço livre.

E' que aquella venturosa porção do territorio brasileiro sempre teve, mesmo nos tempos ominosos da monarchia e da escravidão, estadistas abali-

sados, que, de olhos fitos no bem colectivo, antepunham a seriedade da administração aos torvos asares da politicagem sinistra, agora, mais do que nunca, alastrada por quasi todo o resto da nossa Patria, a manchar-lhe indelevelmente as paginas luminosas, onde a Republica tão sómente devera traçar a historia edificante das conquistas da ordem e do progresso.

•

II

Pela providencial disposição dos seus rios,— esses “caminhos que andam”, consoante a imaginosa definição de Pascal, — veiu o paulista a constituir-se o pioneiro da civilização brasileira.

Aproveitando-se das suas correntes fluviaes, que, ao contrario das do resto do paiz, nascendo junto á cordilheira maritima, tomam a direcção do interior, — os intrepidos filhos de Piratininga, a principio caçadores de escravos indigenas e mais tarde descobridores de opulentissimos veios auríferos, desvendaram todo o sertão immenso do Brasil, triplicando, assim, — graças ao reconhecimento do seu *uti possidetis*, exarado no pacto de 1750, obra tambem de um paulista, Alexandre de Gusmão, — a área que coubera a Portugal pela convenção de Tordesillas.

Diz Peschel que “foi o ouro, ou a illusão do ouro, que povoou quasi toda a America”. Com effeito, aqui em nossa Patria não ha outro meio de explicar-se o facto de, desde o meiado do seculo

XVIII até hoje, ter sido sempre Minas-Geraes, — região montuosa, distante do litoral e de acesso difficil, — a primeira circumscripção politica do Brasil quanto ao numero de habitantes, talvez já bem proximos, agora, de 5.000.000.

O paulista, em suas incursões para o norte, chegou até ao Estado do Maranhão (creado em 1621, e cuja duração se estendeu até 1775, distincto do Estado do Brasil e obedecendo directamente á metropole), expurgando de indios a zona central da Bahia e tomando aos selvagens todo o Piauhy, cuja conformação singular, — de grande extensão xerographica limitada por exigua orla oceanica, dando a idéia de um sacco cheio e com a bocca amarrada, — bem revela que o processo da sua conquista aos naturaes foi no rumo do interior para o Atlantico.

Para o sul, os destemerosos sertanejos assenhorearam-se, successivamente, das provincias jesuiticas de “Vera” (entre o Tieté e o Paranapanema), de “Guayra” (entre o Paranapanema e o Yguassú) e de “Tape” (entre o Uruguay e o Ibicuhy).

Onde, porém, o phenomeno do *bandeirismo* se desenrolou com decisiva efficiencia quanto aos pasmosos resultados materiaes e politicos, — que, aliás, os seus agentes espontaneos não podiam prever, — foi nos largos campos do centro e nas matas virgens do nosso *far-west*.

Minas, Goyaz e Mato-Grosso é que indubitavelmente formam o esplendoroso florão de glorias dos arrojados expedicionarios, que a *auri sacra fames* propellia de S. Paulo, de Taubaté, de Sorocaba e de Ytú, em monções continuas e infatigaveis, para o profundo coração do Brasil, que afinal lhes premiou, desentranhando-se em thesouros inexauriveis, a titanica audacia victoriosa.

As zonas descobertas pelo Anhangüera e por Paschoal Moreira Cabral, bem que diviciosissimas de ouro, não se povoaram tão intensamente como a devassada por Arzão e Paes Leme, por se acharem a consideravel distancia da costa, sendo ainda presentemente, das divisões nacionaes, as que apresentam o menor numero de habitantes em relação ás suas dilatadas superficies. Minas, porém, mais vizinha do mar e dotada, além daquella outra riqueza, da ainda mais seductora dos diamantes, achada ao findar o primeiro quartel do seculo XVIII e ainda não de todo exgottada, — como o provam lavras abundantes, recentemente encontradas alli á flôr da terra, — foi para onde de preferencia confluíram enormes *rushs* de aventureiros, que quasi ermaram a metropole e as capitancias de beira-oceanó, não obstante as ordenações régias, prohibitivas de tal migração.

Como se explica, entretanto, que a terra de Tiradentes, — maravilhoso *eldorado*, favorecido por tantas condições de florecimento, — esteja hoje, ao aspecto do progresso material, tão distanciada da sua antiga *cellula-mater*, — o berço dos bandeirantes?

Pois a dura realidade é que Minas, embora de posse de preciosas gemmas nas suas entranhas deslumbrantes e de um sólo de uberdade inexcedível, duas vezes mais extenso que o de S. Paulo, está cerca de tres vezes inferior a este na escala da potencialidade financeira.

Assim não era, comtudo, quando, em 1889, se deu a definitiva transformação politica nacional. Naquelle tempo, Minas mantinha talvez uma rigorosa equipollencia de prosperidade com o seu vizinho meridional.

Foram, portanto, erros de administração, de par com outras varias causas, que sem duvida a atrasaram.

Entre aquelles, occupa logar de destaque a construcção da nova capital, que foi o inutil dispendio de uma colossal fortuna, até agora sem proveito real para o Estado.

Entre os motivos de ordem geral, dois se impõem desde logo ao observador, por menos perspicaz

que este seja. O primeiro é a falta de litoral (*), ainda não supprida por vias-ferreas de tarifas modicas, que despejem nos portos mais proximos os generos de producção do vasto e populoso Estado. Tres estradas collimavam a esse precipuo e importante papel: — a “Bahia e Minas”, a concessão Guahy, ligando Minas ao Espirito-Santo, e a de Barra-Mansa a Angra dos Reis. Pois bem: — todas ellas, iniciadas ha longos annos, ou se mallograram por

(*) O porque a capitania de Minas-Geraes ficou totalmente insulada no interior, sem ao menos alguns palmos de costa que lhe facilitassem o intercambio de mérces com as nações de aquem e de além-Atlantico, — tive, ha poucos dias, ensejo de vel-o dilucidado em interessante peça historica, graças ao trabalho, a que me estou entregando, em commissão official, de colligir nas bibliothecas federaes os vetustos documentos da evolução paulista.

Os descobrimentos de veios auriferos, realizados alli em fins do seculo XVII e começos do XVIII, e as luctas armadas que se lhes seguiram, conhecidas por “guerra dos emboabas”, levaram o governo da metropole a crear, em 9 de novembro de 1709, uma circumscripção á parte, separada da jurisdicção do Rio de Janeiro, com o nome de «Capitania de S. Paulo e Minas do Ouro». Mas, recebendo d. João V que o seu *bel-thesouro* fosse, por entrelpos, parar a mãos extranhas, determinou, em carta régia de 18 de março de 1711, que as minas não tivessem porto algum no oceano, por onde vasassem os seus valiosos productos, tanto que S. Magestade foi “seruido hauer por bem que ficasse a dita Praça de Sanctos sogeita ao Governo do Rio de Janeiro, e que das minas não houesse communicação para ella, e que só a tivessem pelo caminho nouo...” (Vide a collecção *Governadores do Rio de Janeiro*, l. XX, fls. 25, no Archivo Nacional.)

Foi, portanto, o medo de perder o ouro e, mais tarde, o de perder os diamantes, o que impelliu Portugal a não permittir que Minas tivesse sequer a mais exigua orla litoranea.

completo ou até hoje não conseguiram satisfazer o seu primacial escôpo.

O segundo é a diminuta porcentagem de colonização estrangeira, alli existente.

A nosso ver, das duas componentes do extraordinario progresso de S. Paulo, uma é o inegalavel arrojo de seus filhos e a outra é o braço alienigena, sobretudo o italiano.

Quanto á parte que, nessa conjugação de esforços, cabe a esse elemento europeu, basta ver, por um seguro processo logico applicavel á sociologia, o que se passa allures, aqui no proprio continente americano.

Confrontem-se, por exemplo, dois paizes da mesma procedencia ethnica, a Argentina e o Mexico: pois, embora tenha este o duplo da população daquelle, ver-se-á que a balança da prosperidade material cae pesada em favor do que conta a maior porção da raça intelligente vinda de além-mar.

Note-se tambem que, das varias unidades da Federação Brasileira, as que se assignalam por maior adeantamento economico e por melhor orientação politica são as que receberam forte corrente européia: — S. Paulo, Paraná, Santa-Catharina e Rio-Grande do Sul. As septentrionaes, — exceptuados o Amazonas e o Pará, que, pelo menos, possuem tentadoras riquezas, exploradas naquelle,

em meio de um barbaro systema de trabalho que lembra os peiores tempos da servidão medieval, pelas satrapias que o têm sempre dominado, — formam, em sua maior parte, o que conspicuo jornalista, representante de uma dellas no Congresso Nacional, conceituosamente denominou a *zona escravizada*, não lhe tendo apenas occorrido o appensar egualmente á feliz expressão o qualificativo de *empobrecida*, pois o pouco que lhes rendem as suas producções de baixo valor industrial tem sido sugado, sem solução de continuidade, pelas suas vorazes e insaciaveis oligarchias.

Si S. Paulo tem sobre Minas a vantagem de ser um Estado maritimo, Minas tem sobre S. Paulo a vantagem de um clima saluberrimo. S. Paulo, para poder alcançar a plena tranquillidade de que hoje desfructa quanto á saúde publica, teve necessidade de despender muitos milhares de contos de réis, afim de sanear completamente as suas cidades e afim de montar os modelares apparatus de prophylaxia, de que ora dispõe, quer em beneficio proprio, quer tambem para servir, como sempre o tem feito generosamente, aos seus irmãos de Federaçãõ.

Não é, portanto, como já se tem ineptamente pretendido, uma simples questão mesologica, — o estar S. Paulo em grande parte na zona temperada

e possuir vasta orla oceanica, — o que explica o seu agigantado avanço para o futuro.

O segredo da sua força, o segredo do seu progresso, está na portentosa iniciativa dos seus filhos, que podem, com razão, ser chamados — “os *yankees* da America do Sul”.

III

Têm os paulistas razões sobejas para se desvanecerem do seu progresso excepcional e das suas nobilissimas tradições.

Foram elles que, durante a longa noite da nossa sujeição colonial, traçaram com o seu sangue intemerato, com a sua incomparavel heroicidade, a homérica epopéia da conquista do sertão, desvendando as riquezas maravilhosas que o Brasil ciosamente occultara dos invasores lusitanos e que, apesar disso, foram depois totalmente absorvidas pelo polvo insaciavel da metropole depauperada.

Foram elles que mais contribuíram, principalmente pelo organ do Patriarcha immortal, para o córte do cordão placentario que, por mais de tres dilatados seculos, nos trouxera jungidos ao reino de além-mar, numa odiosa e inaturavel servidão.

Foram elles que deram ao paiz, durante a phase admiravel de verdadeira experimentação republicana, qual foi o “periodo regencial”, o maior estadista daquella época memoravel, Diogo Antonio

Feijó, o energico padre de “antes quebrar que torcer”.

Foram elles que, quatro lustros após a independencia, proclamada nos seus campos opimos, demonstraram mais uma vez o seu entranhado amor aos principios liberaes, sublevando-se, de armas em punho, contra as leis tyrannicas de 23 de novembro e 3 de dezembro de 1841.

Foram elles que, emquanto o imperio se arrojava crimosamente ás suas desfraternaes intervenções bellicas na vida politica do Prata, comprimidos embora em suas aspirações pela centralização peculiar do atrasado regimen dynastico que nos infelicitou por mais de meia centuria, iam, contudo, pacificamente e esforçadamente, amontoando os elementos da sua futura prosperidade.

Foram elles que, dirigidos pela trindade gloriosa, constituida por José Bonifacio, Luis Gama e Antonio Bento, mais efficazmente cooperaram para que se lavasse do nosso auriverde pendão a negra nodoa que o maculou até 13 de maio de 1888.

Foram elles, finalmente, que, chefiados por Francisco Rangel Pestana, Prudente de Moraes, Francisco Glycerio, Bernardino de Campos e Manuel Ferraz de Campos Salles, deram o apoio decisivo, sem o qual não teria sido tão cedo victorioso, como foi, o movimento republicano, regularmente